

VIOLÊNCIA URBANA E SAÚDE MENTAL

O termo violência urbana refere-se ao conjunto de práticas e situações de agressão física, psicológica, simbólica ou estrutural que ocorrem nas cidades. Constitui um fenômeno social complexo e multifacetado, que ultrapassa a dimensão da criminalidade e revela as contradições estruturais das sociedades contemporâneas. Emerge como expressão das desigualdades sociais, da exclusão econômica e da fragilidade das políticas públicas voltadas à garantia de direitos. Trata-se de uma forma de violência que se inscreve tanto nos corpos quanto nos territórios, afetando, sobretudo, grupos minorizados, como negros, indígenas, lgbt's, mulheres e população periférica marginalizada.

Atualmente, no final do mês de Outubro de 2025, infelizmente presenciamos na cidade do Rio de Janeiro, nas comunidade do Complexo do Alemão e Penha, um verdadeiro desastre enquanto segurança pública. Mais de 130 pessoas foram assassinadas durante uma intervenção policial, contendo evidências de violência extrema e tortura. Tal ação, denominada aqui como genocídio, foi orquestrada pelo governador atual do RJ, o Sr. Cláudio Castro, com extraordinário e absurdo apoio por uma parte de nossa sociedade.

A desigualdade cotidianamente ratificada tem como consequência imediata a construção de uma malha que articula e desdobra novas formas de violência que, por sua vez, se colocam à serviço da manutenção das desigualdades e cuja lógica repousa em contradições e paradoxos que inibem a criação de formas para enfrentá-las. É quando a violência encontra apoio e suporte em todos os setores da sociedade, que a alimentam e a mantêm como dispositivo aceitável e mesmo desejável. (Endo, 2005, p.26 e 27).

Mais do que um problema de segurança, a violência urbana reflete processos históricos de segregação espacial, racismo estrutural e precarização das condições de vida. Para Zygmund Bauman (2008), a violência urbana é sintoma de uma crise ética e social. O medo, a precarização e a desigualdade são os pilares de uma cidade que expulsa, segrega e vigia, onde o outro é tido como perigo e não como sujeito de direitos. Combater a violência urbana nessa perspectiva, requer construir laços de solidariedade, pertencimento e responsabilidade coletiva.

Em busca de contribuir para processos de reflexão e transformação na construção de uma cidade mais justa e menos desigual, a Revista Pathos, no presente número, apresenta artigos que articulam e aprofundam tais perspectivas, a saber:

Em *Urbanidade Adoecida e Crime - A Realidade de Adolescentes em Conflito Com a Lei na Cidade de São Paulo*, o autor Ricardo Rentes explicita, a partir de pesquisa com 70 adolescentes do município de São Paulo, que o viver na cidade estimula, convoca e autoriza a prática infracional como tentativa de quebra das fronteiras que separam a favela e o restante da cidade.

Em *Juvenicídio no Estado de São Paulo*, a autora Reginaide Aparecida da Silva busca analisar o contexto territorial de adolescentes entre 12 e 17 anos, que sofreram violência letal entre os anos de 2017 a 2023 na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte no estado de São Paulo.

Em *Segregação e Os Efeitos no Laço Social com a pessoa em situação de rua*, o autor Thiago Sales Lima busca discutir os efeitos subjetivos e psíquicos produzidos pela segregação na população em situação de rua, articulando análise psicanalítica à crítica social.

Tais artigos são seguidos pelos relatos da prática:

Diálogo Entre Perdas e Encontros: A Clínica Winnicottiana e o Atravessamento de Raça, Classe e Gênero no Caso de Yara. Relato da autora Rita Isabel Pereira Alves, sobre o processo psicoterapêutico de Yara. Mulher negra, de 28 anos, trajetória marcada pela perda precoce da mãe e necessidade de assumir responsabilidades familiares em sua adolescência.

Suicídio e a Humanização na Odontologia. Relato da autora Camila Melo Sousa de Almeida, que analisa a anamnese padrão, usada na consulta odontológica inicial, e compreende a importância de mudanças que possibilitem anamnese mais humanizada, articulada com a saúde mental.

Neste número, algumas das ilustrações utilizadas foram retiradas do livro: “Os Meninos de Heliópolis – O ser e fazer de adolescentes em conflito com a lei e a sintomática criminal”, produzidas por adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa na cidade de São Paulo. A imagem da capa, com uma carpa direcionada para cima, sugere ascensão, crescimento, identificação e esperança com o ilícito, mas também, enseja processos de aliciamento, exclusão e morte. Escolhemos ela por ser um dos símbolos que marcam corpos e olhares de pessoas e confrontos que habitam a violência urbana no Brasil.

Desejamos a todas, todos e *todes* uma boa leitura!

Os Editores

Referências

Bauman, Z. (2008). *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Zahar.

Endo, P. C. A. (2005) *Violência no coração da cidade: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Editora Escuta.

Rentes, R. (2022). *Os meninos de Heliópolis: O ser e fazer de adolescentes em conflito com a lei e a sintomática criminal*. Appris.